



Educação e sustentabilidade

Sérgio Trombetta

Resumo

Introdução: A educação ocupa lugar central no processo de construção de uma cultura sustentável. É através dela que poderemos fazer uma revolução paradigmática capaz de produzir mudanças necessárias para fazer frente ao cenário caótico em que nos encontramos. Urgem mudanças radicais no estilo coletivo de vida, se quisermos evitar a colisão a que o atual rumo nos conduz. Não podemos continuar dentro da lógica do paradigma antropocêntrico.

Desenvolvimento: Precisamos caminhar na direção de um novo humanismo alicerçado na sabedoria e na humildade. Acreditamos que o objetivo central dos processos pedagógicos é desenvolver uma nova ética, que tem no cuidado o seu núcleo. A partir da ética do cuidado, o ser humano é sensibilizado e desafiado a adotar uma nova visão do planeta Terra e uma redefinição de suas práticas econômicas. O desafio da educação é reconciliar o ser humano com a natureza. Desenvolver o sentido de pertença, ternura e responsabilidade frente à vida. Para efetivar essa ética do cuidado e da responsabilidade em relação à natureza é imprescindível trabalhar o eu interior; desenvolver a consciência profunda de que somos dependentes da natureza. A ecologia profunda ou esse encantamento amoroso, poético, místico frente à natureza, essa transformação espiritual é essencial na caminhada em direção a uma cultura de convivência harmoniosa e pacífica com a Mãe Terra.

Conclusão: Nossa tarefa para o futuro imediato é desenvolver um novo paradigma cultural capaz de contemplar a sustentabilidade na esfera

econômica e que tenha sempre possível, no horizonte, a justiça social, a democracia, a solidariedade, uma cultura da paz, o respeito à pluralidade e uma política global dos direitos humanos. Nosso futuro comum na era da sociedade global depende da nossa capacidade de desenvolver essa nova consciência que busca a sustentabilidade natural, social e mental.

Abstract

Introduction: Education must occupy a central place in the process of construction of a sustainable culture. It is through this we can make a paradigmatic revolution able to produce the necessary changes to confront the chaotic scenery where we are. Radical changes are urged in the collective life style if we wish to avoid the collision the current direction is conducting us. We cannot continue inside the anthropocentric paradigm logic.

Development: We need to walk to a new humanism based on wisdom and humility. We believe the main objective of educational processes is to develop a new ethic, in which has care as its focal. As from the ethics of care, the human being is sensibilized and challenged to adopt a new vision of planet Earth and a redefinition of its economic practices. Education's challenge is to reconcile the human being and nature. Develop the sense of belongingness, tenderness and responsibility face to life. To actualize this ethics of care and of responsibility toward nature, it is indispensable to work on our inner me; to develop the profound conscious that we are dependent on nature. The deep ecology or loving, poetic, mystic enchantment face to nature, this spiritual transformation is essencial to the walk toward a culture of harmonious and peaceful companionship with Mother Nature.

Conclusion: Our task for the immediate future is to develop a new cultural paradigm able to contemplate sustainability in economic sphere and to aim social justice, democracy, solidarity, a peace culture, respecto to plurality and a global politcs for human rights. Our common future in the global society era depends on our capacity of developing a new conscious that seeks natural, social and mental sustainability.

O atual contexto

No que se refere à ecologia e à busca por sustentabilidade, o tempo presente é marcado por muitas crises e incertezas, mas também pelo aumento da consciência em relação à necessidade de encontrarmos alternativas no que se refere ao desenvolvimento e, ao mesmo tempo, à sensibilidade ecológica traduzida na ética do cuidado. A natureza deve ser preservada para satisfazer as necessidades materiais e estéticas da humanidade. Precisamos agir pensando nas gerações futuras e, ao mesmo tempo, com a consciência de que nossas pretensões de crescimento ilimitado se chocam com um inexorável princípio de realidade. Nenhum crescimento infinito é possível no recinto finito da esfera terrestre. Devemos aprender a conviver com os recursos finitos do nosso mundo natural.

Num mundo limitado não pode existir um crescimento ilimitado. Nossas pretensões prometéticas de progresso e desenvolvimento são impossíveis e incompatíveis com a contingência da realidade. (JUNGES, 2004, p.107).

Esta preocupação com a sustentabilidade não fica restrita à ética individual convertida em ações responsáveis que levam em conta os efeitos dos nossos atos, mas se traduz também no avanço da legislação que visa proteger o meio ambiente. Os governos, por sua vez, pressionados pelos movimentos sociais e pela sociedade civil, são obrigados a contemplar políticas ecológicas que visam à salvaguarda dos ambientes naturais. Aos poucos, adquirimos a consciência da vulnerabilidade da natureza e da sua infinita fragilidade. O nosso planeta pode morrer; os ecossistemas podem entrar em colapso e se tornarem hostis na continuidade da vida em equilíbrio. Por isso, é nosso dever ético e político aprender a cuidar da Terra.

À medida que os debates a respeito da sustentabilidade se aprofundam e envolvem cada vez mais pessoas, instituições e organizações da sociedade civil, compreendemos que a solução dos problemas ecológicos é complexa. Aos poucos, percebemos que sem uma mudança de paradigma certamente não seremos capazes de en-

contrar alternativas razoáveis aos grandes desafios que a crise ecológica impõe à sociedade global.

A crise ecológica não significa apenas o surgimento de problemas ambientais, mas a necessidade de novas formas de enxergar o mundo e a natureza. Parece indispensável uma mutação cultural que supere a visão reducionista e alcance um enfoque mais global da natureza. (JUNGES, 2004, p. 51).

Com o avanço da crise, nos damos conta de que a solução não é somente técnica, mas ética e envolve o desenvolvimento da consciência individual e coletiva da sociedade em âmbito global. Precisamos encontrar alternativas sustentáveis e ao mesmo tempo justas ao nosso estilo de vida. Não podemos continuar no caminho que nos trouxe até aqui. A mudança não se limita ao modelo de produção de bens de consumo. É urgente uma mudança de rota na organização da vida econômica, das instituições políticas e nos hábitos pessoais. Podemos dizer que a crise ecológica aponta para a decadência do atual paradigma de intervenção no meio ambiente e de convivência entre os seres humanos e destes com a natureza. Além da destruição dos ecossistemas, é necessário perceber a dimensão social da crise ecológica.

A situação de fome, pobreza e injustiça de multidões é a face social da crise ecológica. O mesmo sistema que degrada a natureza, reduzindo-a a mercadoria, avilta a existência das pessoas submetidas a uma luta diária pela sobrevivência, porque não participam do mercado. (JUNGES, 2004, p. 58, 59).

Falar em sustentabilidade implica formular críticas radicais ao paradigma antropocêntrico e à racionalidade instrumental moderna que visa unicamente ao lucro, sem levar em conta o meio ambiente, sua sustentabilidade presente/futura e a justiça social. As dificuldades ecológicas só serão equacionadas com a construção de uma sociedade justa e igualitária, na qual a vida, em sentido amplo, seja valorizada e preservada.

Essa transformação profunda na matriz filosófica, antropológica e ética dos pilares da sociedade moderna, ancorada em um projeto de conquista do mundo/natureza pelo viés econômico/materialista, ocupa um lugar central na discussão do tema da sustentabilidade. Não se trata de um discurso superficial que fica restrito à simples denúncia. O que se busca de maneira imperativa é um novo paradigma de convivência que enfatiza a qualidade de vida em detrimento da quantidade de coisas. Esse novo olhar sobre a realidade, inspirado pela ecologia, na perspectiva de uma sociedade sustentável, pretende superar a visão limitada e estreita da racionalidade instrumental atrelada ao imperialismo da produção, do lucro e do consumo como único projeto que dá sentido a nossa existência individual e coletiva. A solução dos principais problemas do nosso tempo nas diferentes esferas passa pela mudança radical das nossas percepções, no nosso pensamento e nos valores que servem de base para as ações individuais e das instituições econômicas e políticas.

Para Capra (1996), estamos no princípio de uma mudança radical de visão do mundo na ciência e na sociedade, uma mudança de paradigma tão profunda como foi a revolução copernicana. É preciso rever grande parte dos conceitos e os esquemas mentais que organizam nossas relações com a natureza e com as pessoas. O conjunto de mudanças no estilo de pensar e agir é essencial para construir sociedades sustentáveis. Para esse autor, uma sociedade sustentável é aquela que satisfaz suas necessidades sem diminuir as perspectivas das gerações futuras.

Esse é o grande desafio do nosso tempo: criar comunidades sustentáveis, ambientes sociais e culturais, onde possamos satisfazer as nossas necessidades e aspirações sem diminuir as chances das gerações futuras. Mas para que isso se realize de modo efetivo é urgente e fundamental mudar nossas atitudes e mentalidades; criar novos comportamentos; rever nosso estilo de vida, especialmente a ideologia do progresso ilimitado. Na verdade, estamos em uma encruzilhada: "Se o homem quer viver, ele precisa mudar" (Karl Jaspers).

Crítica ao modelo antropocêntrico

Na ótica do modelo antropocêntrico, os recursos naturais, toda a natureza, seus ecossistemas estão à disposição do desfrute ilimitado do ser humano. Podemos usar os recursos naturais para promover o progresso material ilimitado de modo irresponsável. O que mais se deseja é a conquista, o controle da natureza e a busca insaciável por lucros. O paradigma antropocêntrico se construiu sobre a ideologia do progresso ilimitado. Com o passar do tempo e diante dos avanços na ciência e na tecnologia, nos tornamos vítimas de um verdadeiro mito do crescimento. Fomos hipnotizados pela ilusão de que é possível produzir riquezas, bens materiais sem levar em conta a lógica da natureza.

O dever moral é utilizar para proveito imediato e o mais rapidamente possível o máximo de recursos naturais disponíveis. Essa atitude moral acompanhou e justificou a conquista de terras selvagens e a sua colonização e exploração em vista do lucro e do enriquecimento (JUNGES, 2004, p. 11).

Essa é a ideologia do progresso que motivou a expansão colonialista e é a base do capitalismo: produzir e ampliar os mercados, vender sempre mais através da publicidade, da criação de necessidades e novos desejos. Foi essa corrida por novos mercados fornecedores de matéria prima e de consumidores, por exemplo, que impulsionou a Primeira Guerra Mundial. O que está por trás dessa falácia do progresso capitalista é a crença no caráter ilimitado dos recursos naturais. Não há dúvidas que a Revolução Industrial melhorou a vida dos seres humanos, mas também é verdade que o progresso industrial aprofundou o dualismo ser humano e natureza. Os efeitos desastrosos do progresso material ameaçam aqueles que ele tentou beneficiar. Aos poucos, percebemos que é impossível um crescimento ilimitado a partir dos recursos finitos da natureza. Os interesses da sustentabilidade se chocam com a voracidade do ser humano e seu sonho de progresso linear sem respeitar os tempos da natureza que são cíclicos.

Esse sonho de prosperidade ilimitada ocupa o imaginário coletivo da humanidade e formata a agenda central de qualquer governo. Ai da política econômica e tecnocientífica que não apresentar anualmente índices positivos de crescimento. Mas esse sonho está se transformando num pesadelo, pois está levando os países, a humanidade, a Terra a um impasse fatal: os recursos são limitados, os ganhos não podem ser generalizados para todos, porque então deveríamos dispor de três Terras com os recursos da nossa, e a capacidade de regeneração do Planeta se encontra em estado crítico (BOFF, 2003, p. 15).

Na concepção antropocêntrica, o ser humano é pensado como um ser superior em relação a todos os outros. Sua missão é dominar a natureza e colocar ordem no caos. Tudo está centrado no ser humano. Ao invés de estarmos junto dos demais seres, nos colocamos sobre e contra eles. Os seres humanos estão situados acima ou fora da natureza, como a fonte de todos os valores, e a natureza tem um valor instrumental ou simplesmente de uso. O humano é visto como um Prometeu na aventura de controlar a natureza de acordo com seus interesses. Somos hipnotizados pelo paradigma da conquista.

Conquistar a Terra inteira, os oceanos, as montanhas mais inacessíveis e os recantos mais inóspitos. Conquistar povos e dilatar a fé e o império, eis o sonho dos colonizadores. Conquistar os espaços extraterrestres e chegar às estrelas, eis a utopia moderna. Conquistar o segredo da vida e manipular genes. Conquistar mercados e altas taxas de crescimento, conquistar mais e mais clientes e consumidores. Conquistar o poder do Estado e outros poderes como o religioso, o profético e o político. Conquistar e controlar os anjos e demônios que nos habitam. Conquistar o coração da pessoa amada, conquistar as bênçãos de Deus e conquistar a salvação eterna. Tudo é objeto de conquista. O que nos falta conquistar? (BOFF, 2003, p. 19, 20).

Nessa visão, não há uma preocupação com as gerações futuras. O humano não é pensado como um ser que pertence à Terra e que depende dela em todos os aspectos físicos para sobreviver, mas é concebido como uma realidade descolada da natureza.

O antropocentrismo moderno suscita um ser humano "prometéico", sempre mais auto-suficiente na satisfação de suas necessidades e confiante em suas próprias capacidades. Passa a imagem de força e de vitória sobre os condicionamentos, esquecendo sua indigência e dependência de muitos fatores para viver humanamente. (JUNGES, 2004, p. 69).

Resgatar a dimensão da vulnerabilidade do ser humano é um passo essencial no desenvolvimento de uma nova ética de relação com a natureza. Apesar de todo progresso material, econômico e científico, o ser humano continua sendo um ser carente e frágil que depende de outros e do ambiente natural e social para viver.

Ecologia profunda

Precisamos mudar nosso modo de pensar e sentir em relação ao meio ambiente. Estabelecer uma relação emotivo-afetiva com a natureza. Resgatar a noção de encantamento e dependência. O ser humano é natureza. Somos a terra que pensa, canta, dança e se emociona. Na ótica dos autores que pensam a questão da ecologia profunda, a crise ecológica com suas consequências vai muito além da questão ética. Ela requer uma mudança de paradigma, dos valores e atitudes que orientam nossa relação com a realidade. O modo de perceber o mundo e de entender o lugar do ser humano nele deve mudar. Na perspectiva da ecologia profunda, o humano é pensado na sua radical dependência e relação afetiva com a natureza e a riqueza de ambientes, que nos oferecem as condições necessárias para nos realizarmos em nossas necessidades, respeitando todas as formas de vida.

De acordo com Junges (2004), o modelo de ser humano compreendido como indivíduo isolado e separado do mundo, transformando a natureza em objeto que se encontra a seu dispor, cria patologias ambientais correspondentes a patologias psicológicas, pedagógicas e sociais. É necessário superar a concepção do ser humano como espécie dominante e separada do mundo, despojando-se do seu isolamento individualista e colocando-se no ponto de vista de to-

dos. Trata-se de assumir uma perspectiva holística, adotando formas transpessoais em atitudes junto à natureza. Assim, surge um ser humano ecoico em vez de egoico, que se compreende essencialmente como ser em relação. O modelo de ecologia profunda preocupa-se com uma mutação radical do paradigma de percepção da natureza por parte do ser humano. O paradigma ecológico veio para superar o paradigma moderno da autonomia humana solipsista, da aventura de conquista e de domínio da natureza pela ciência e pela técnica, do uso desmedido e do desfrute imprudente dos recursos naturais, por fim, para questionar a dicotomia entre o regime da natureza e o regime da sociedade de produção e consumo ilimitado, a perspectiva da ética procedimental e utilitarista.

Uma visão adequada ao paradigma ecológico precisa superar a posição antropocêntrica, centrada exclusivamente nos interesses humanos, para chegar a uma compreensão ecossistêmica do ser humano que, de certo modo, está na origem da ética do cuidado. Devemos desenvolver a consciência de que o ser humano é natureza; ele precisa da natureza para se desenvolver. Neste sentido, a natureza não pode ser reduzida a servir apenas aos interesses humanos.

É urgente superar o modelo de competição e introduzir uma cultura da cooperação e da solidariedade, capaz de harmonizar o ser humano e a natureza. A ecologia profunda insiste na necessidade de mudanças profundas no modo de nos relacionarmos com a natureza e de organização da economia. Na ótica de Capra (1996), a ecologia profunda não separa seres humanos – ou qualquer outra coisa – do meio ambiente natural. Ela vê o mundo não como uma coleção de objetos isolados, mas como uma rede de fenômenos que estão fundamentalmente interconectados e são interdependentes. A ecologia profunda reconhece o valor intrínseco de todos os seres vivos e concebe os seres humanos apenas como fio particular na teia da vida. Em última análise, a percepção da ecologia profunda é percepção espiritual ou religiosa. Quando a concepção de espírito humano é entendida como o modo de consciência no qual o indivíduo tem uma sensação de pertinência, de conexão

com o cosmos como um todo, torna-se claro que a percepção ecológica é espiritual na sua essência mais profunda.

A ética do cuidado

A chamada modernidade proporcionou avanços significativos em todas as áreas, especialmente o progresso científico e tecnológico. Do ponto de vista material, houve conquistas que nos surpreendem, mas no que se refere à vida espiritual, ética e afetiva, a sensação é que nos encontramos frente a uma defasagem moral muito grande. Para alguns autores (BAUMAN, MORIN), a humanidade regrediu moralmente. Não conseguimos desenvolver uma ética capaz de administrar a complexidade da era tecnológica. Nossa autossuficiência tecnológica e científica e o gigantesco progresso na área da informática, bem como na robótica se contrastam com o vazio existencial, a fragilidade psíquica, o tédio e a desorientação de muitas pessoas na sociedade atual. Podemos afirmar que a modernidade tornou o ser humano mais vulnerável em sua interioridade. Como nos diz Morin (2005), há uma miséria que não diminui com o decréscimo da miséria fisiológica e material, mas que aumenta com a abundância e o lazer. Há certamente uma penúria afetiva e psíquica em maior ou menor grau em todas as civilizações, e em toda parte há grave subdesenvolvimento do espírito humano. É preciso ver a miséria mental das sociedades ricas e a escassez de amor nas sociedades de fartura. É algo imperioso enfrentar a miséria mental, o atrofiamento ético, a crise de sensibilidade e compaixão. Enquanto formos mentalmente subdesenvolvidos, aumentaremos a barbárie exterior. Enfrentar os atrasos, essa pobreza mental, psíquica, afetiva, ética, estética é chave no caminho da ética do cuidado e, ao mesmo tempo, na construção de uma cultura alicerçada na justiça e no respeito aos direitos humanos.

Diante da crise ecológica e civilizacional, tornou-se urgente desenvolver nas pessoas, nas instituições e na atividade política o modo de ser do cuidado (BOFF, 1999). Quando amamos, cuidamos e quando cuidamos, amamos. Por isso, o *ethos* que ama se completa com

o *ethos* que cuida. O cuidado constitui a categoria central do novo paradigma de civilização que forceja por emergir em todas as partes do mundo. Ou cuidamos ou perecemos. O cuidado pertence à presença humana no mundo. Nossa presença no mundo é marcada pelo cuidado. O ser humano é fundamentalmente um ser de cuidado e de sensibilidade.

Sem a dimensão do cuidado, a vida fica exposta a muitas ameaças. O cuidado previne danos futuros e regenera os danos passados. É o *ethos* do cuidado que nos permite resistir a todas as formas de violência e agressões contra a vida. Ele constitui nossa verdadeira essência e deve nos acompanhar a vida inteira.

A consciência da fragilidade da própria vida, exigindo desvelo, leva o ser humano a dar-se conta de que a vida, pulsando no seu entorno natural e animada por inter-relações vitais, é também frágil, necessitada de solicitude e cuidado. (JUNGES, 2004, p. 82).

O papel do ser humano não é apropriar-se da natureza como um senhor que escraviza a natureza, pensando somente no seu bem-estar – crescimento material ilimitado, exploração de todos os recursos oferecidos pela natureza -, mas cuidar da natureza na perspectiva da sustentabilidade, da conservação das suas belezas. A vida é um milagre da natureza. Por isso, nossa atitude ética deve ser a do cuidado com todos os seres vivos.

Sem o cuidado de todos os elementos que compõem a vida, o próprio Planeta Terra, o desenvolvimento necessário e a sustentabilidade não teriam condições de se firmar e se consolidar. Por isso, não se pode dissociar sustentabilidade do cuidado: ambos formam as duas pilstras que sustentarão um novo ensaio civilizatório, com seu tipo de desenvolvimento e sua forma de conviver neste pequeno planeta junto com todos os seres e com a comunidade de vida. (BOFF, 2012, p. 93, 94).

Para adotar a atitude de cuidado, o ser humano precisa se sentir parte da natureza, fazer uma experiência mística, espiritual, pro-

funda que ele é natureza. Para que o cuidado se torne uma atitude básica, o ser humano precisa entender-se inserido, integrado na natureza, dependendo dos mesmos fatores que possibilitam a vida dos outros animais.

A ética do cuidado não se limita ao cuidado da natureza; ela amplia seu olhar para a nossa vida em sociedade e se preocupada com a dimensão social. O *ethos* do cuidado serve de crítica a nossa civilização agonizante e também de princípio inspirador de um novo paradigma de convivialidade ancorado na democracia e na justiça social.

Quem não está aberto a ouvir o grito dos pobres não terá condições de auscultar o grito da natureza, porque falta sensibilidade pelo gemido do pulsar da vida. Cuidado solidário pelos deserdados humanos educa e sensibiliza pelo cuidado respeitoso de todo ser vivo. A degradação da Terra em sua biosfera e nas formas de vida que a povoam é o reverso da medalha do aviltamento do rosto de seres humanos reduzidos à pura sobrevivência. (JUNGES, 2004, p. 104).

Alfabetização ecológica

Frente à crise ecológica é essencial adotar uma visão sistêmica e pensar a economia tendo em vista a limitação dos recursos naturais. Precisamos nos tornar ecologicamente alfabetizados e entender os princípios básicos de organização das comunidades ecológicas.

Alfabetização ecológica significa uma mudança do paradigma cultural que regeu as relações entre os seres humanos e a natureza nos últimos quinhentos anos. Esse câmbio cultural só é possível pela conversão moral das atitudes de consumo e convivência vigentes. (JUNGES, 2004, p. 109).

O objetivo central da Alfabetização Ecológica é aprender a viver de modo sustentável; aprender a viver com a natureza. Compreender o

funcionamento sistêmico da natureza é um passo importante nesse processo de alfabetização. Na natureza tudo é relação, parceria, interdependência, diversidade. Os processos são cíclicos e não lineares; há equilíbrio nos ecossistemas. Aplicar esses princípios às comunidades humanas significa pensar a democracia, a justiça social, a cooperação, a solidariedade, a diversidade cultural. Por exemplo, a economia enfatiza a competição, a expansão e a dominação; a ecologia enfatiza a cooperação, a conservação e a parceria. Na sabedoria da natureza, há um equilíbrio de modo a garantir a continuidade da vida, por exemplo, não há o acúmulo de recursos ou injustiças. Neste sentido, podemos dizer que a sobrevivência da humanidade dependerá de nossa alfabetização ecológica, da nossa capacidade para entender que precisamos administrar os recursos limitados da natureza e adotar a ética do cuidado. O ser humano é parte implícita do mundo natural, sua existência condiciona-se ao equilíbrio da natureza. Por isso, devemos adotar atitudes de preservação e conservação de todos os ecossistemas que viabilizam nosso existir, na perspectiva de uma qualidade de vida entendida como convivência respeitosa com a natureza.

Educar para uma cultura sustentável

A situação em que nos encontramos exige uma educação direcionada para uma vida/cultura sustentável. Como nunca antes na história, o nosso futuro comum nos conclama a buscar um novo paradigma de convivência e relação dos humanos entre si e também em relação à natureza. São urgentes transformações profundas em nossa mente e nas ações individuais e coletivas. Neste sentido, é importante promover a crítica ao paradigma antropocêntrico e introduzir um diálogo a respeito da necessidade de um modelo de saber condizente com a sustentabilidade. A educação converte-se em um processo estratégico com o propósito de formar os valores, habilidades e capacidades para orientar a transição para a sustentabilidade (LEFF, 1998, p. 237). Precisamos educar para uma nova ética que oriente os valores e comportamentos sociais para os objetivos de sustentabilidade ecológica, da vida democrática, de justiça social

e de respeito à diversidade cultural. Sustentabilidade opõe-se a tudo o que sugere desequilíbrio, competição, conflito, ganância, individualismo, domínio, destruição, expropriação e conquistas materiais indevidas e desequilibradas, em termos de mudança e transformação da sociedade e do ambiente.

Na construção de um modelo de sociedade sustentável, devemos educar para a cooperação e a solidariedade. Superar a ideologia da competição, do eu triunfante sobre os demais. Desenvolver nas pessoas uma utopia e um senso de justiça que nos impulsiona a lutar a favor de outro modelo de sociedade com menos exclusão e contradições sociais, pois nunca se cresceu tanto economicamente, mas também nunca aumentaram tanto, em termos globais, a pobreza, a destruição de tecidos sociais, as crises políticas, as crises ambientais, a violência e o terror. Justiça social e sustentabilidade andam juntas. Uma não existe sem a outra. Uma cultura sustentável deve nos levar a saber selecionar o que é realmente sustentável em nossas vidas, em contato com a vida dos outros. Precisamos lutar por uma justiça social que combine com a justiça ecológica, democracia, direitos humanos, diversidade cultural e relações pacíficas entre as pessoas e os diferentes povos.

Na construção de sociedades sustentáveis, é importante lutar, resistir contra a globalização econômica com sua agenda exclusivamente monetarista. "A globalização mata a noção de solidariedade, devolve o homem à condição primitiva do cada um por si e, como se voltássemos a ser animais da selva, reduz as noções de moralidade pública e particular a um quase nada" (SANTOS, 2000, p. 65). Para fazer frente às consequências desumanas da globalização capitalista, é imperativo pensar políticas locais. "Nesse nosso mundo que se globaliza, a política tende a ser – cada vez mais apaixonada e conscientemente – local. Encontrar soluções globais para contradições globais (BAUMAN, 2009, p. 30). Políticas cada vez mais locais num mundo estruturado por processos cada vez mais globais. É preciso pensar globalmente e agir localmente. Na era global, parece possível fazer ambas as coisas: pensar e agir global e localmente, sem dicotomizá-las.

Não se pode falar em vida sustentável sem pensar uma cidadania política e social em esfera planetária. Sem uma mudança global na esfera ética e econômica, os problemas do meio ambiente não serão solucionados.

A globalização em si não é problemática, pois representa um processo de avanço sem precedentes na história da humanidade. O que é problemático é a globalização competitiva, na qual os interesses dos povos se subordinam aos interesses corporativos das grandes empresas transnacionais. Assim, podemos distinguir uma globalização competitiva de uma possível globalização cooperativa e solidária. A primeira está subordinada apenas às leis do mercado e a segunda, aos valores éticos e à espiritualidade humana. (GADOTTI, 2000, p. 153).

Para se chegar a uma sociedade/cultura sustentável é necessário pensar o desenvolvimento pessoal pela via do aperfeiçoamento espiritual. A ecologia do eu é o ponto de partida para enfrentar a crise que nos encontramos. Educar para o ser. Mais expansão interior e menos necessidade de consumir. A necessidade imperiosa de consumir será substituída por um projeto de desenvolvimento espiritual. Menos ter e mais ser. A transformação pessoal na esfera interior ocupa lugar central na luta por uma cultura sustentável. "As pessoas e o planeta precisam ser salvos no mesmo projeto de futuro da própria humanidade" (GADOTTI, 2000, p. 158). O cuidado pelo eu e o cuidado com o planeta não são excludentes. A ética do desenvolvimento pessoal salvará o eu da alienação, que faz desse eu um consumidor compulsivo, e o planeta do esgotamento de seus recursos. As grandes transformações começam dentro de cada coração e na consciência. Não é possível sonhar com revoluções sem antes libertar a consciência. Fluem unidas uma consciência ecológica e uma consciência espiritual profunda (CAPRA). A cultura da sustentabilidade passa necessariamente pelo aprimoramento da vida interior, pela ética que cuida da vida e se preocupa com a justiça social estendida a todas as pessoas. Somente uma revolução espiritual radical e profunda pode ser fonte de inspiração para caminharmos na direção de uma cultura da sustentabilidade. "A lógica de uma sociedade fundamentada em

produtos deve dar lugar a outro tipo de lógica que se preocupa muito mais pelo crescimento das pessoas que pela produção e acumulação” (GUTIÉRREZ E PRADO, 2000, p. 76). A sociedade consumista não é só perturbadora da ordem natural e social, ela causa muitos estragos à ecologia mental, gerando depressão e vazio existencial que se revela na falta de sentido frente à vida.

A educação ambiental tem papel estratégico na construção das condições culturais e éticas para a efetivação de uma sociedade sustentável. A sustentabilidade será produto da sociedade global toda ou não acontecerá. Precisamos adotar um estilo de vida mais simples. Viver com mais sabedoria. Não buscar a felicidade somente no consumo e no apego aos bens materiais. É hora de pensar no alerta feito por Gandhi: “A terra era suficiente para todos, mas não para a voracidade dos consumistas”. No atual momento da nossa civilização, uma educação para a sustentabilidade deve trabalhar a sensibilidade com o planeta, o cuidado, a solidariedade e incluir um projeto de mundo com dignidade para as gerações futuras. O desafio é buscar um novo paradigma alicerçado na sustentabilidade, na cultura de respeito aos direitos humanos, na justiça social e na democracia. Mas, para que isso aconteça, é imprescindível uma mudança nas estruturas econômicas, sociais, culturais e especialmente na ecologia mental de todas as pessoas. Mudar os pensamentos, as instituições e as ações. Nesse projeto, a educação é peça chave. Precisamos agir com responsabilidade, sensibilidade e ética para promover essas mudanças paradigmáticas.

Sem despolitizar o diálogo por uma sociedade sustentável, é possível afirmar que sem uma mudança interior (progresso intelectual, espiritual, afetivo e ético) das pessoas não obteremos sucesso nesse processo de transformação na perspectiva da cultura alicerçada na sustentabilidade. No último século, promovemos revoluções políticas, econômicas e tecnológicas, mas não aprimoramos a ética e a dimensão espiritual nas pessoas. O que se faz necessário, sem esquecer as mudanças materiais e exteriores, é uma revolução espiritual que tem ressonância nas ações cotidianas. Como nos diz Paulo

Freire: "A educação não muda o mundo, mas muda as pessoas que vão mudar o mundo".

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e Medo na Cidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar: Ética do humano – compaixão pela terra**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1999.

_____. **Ética e moral: a busca dos fundamentos**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2003.

_____. **Sustentabilidade: O que é - O que não é?** Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012.

CAPRA, Fritjof. **A Teia da Vida**. São Paulo: Editora Cultrix, 1996.

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da Terra**. São Paulo: Peirópolis, 2000.

GUTIÉRREZ, Francisco e Cruz Prado. **Ecopedagogia e Cidadania Planetária**. São Paulo: Editora Cortez: Instituto Paulo Freire, 2000.

JUNGES, José Roque. **Ética Ambiental**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004.

LACROIX, Michel. **Por uma Moral Planetária contra o Humanicídio**. São Paulo: Paulinas, 1996.

LEFF, Enrique. **Saber Ambiental: Sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

MORIN, Edgar e Anne-Brigitte Kern. **Terra-Pátria**. Porto Alegre: Sulina, 2005.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização – do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2000.

Sobre o autor

Sérgio Trombetta: Professor de Antropologia e Ética na Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos, São Leopoldo, RS e nas Faculdades Integradas de Taquara FACCAT, Taquara, RS. Email: sergiot@unisinos.br